

COMO NOSSOS PAIS

QUARENTÕES MANTÊM
FILHOS NO JARDIM
ONDE ESTUDARAM
DURANTE DITADURA

Marcelo Abreu

Da equipe do **Correio**

Os tanques do Exército passavam em frente à escola. Faziam barulho. Intimidavam. Deixavam marcas no asfalto. O ano era 1964. O país vivia plena ditadura militar. O menino tinha 4 anos. Não entendia nada. Mas sentia medo. E chorava quando via aquele arsenal de guerra. “Quando os soldados passavam, todo mundo se escondia, só de medo. Depois, a professora levava a gente pro parquinho...”, recorda André Rami Martins da Silva, hoje com 44 anos.

Os tanques não passam mais por ali. Mas o parquinho continua o mesmo. No mesmo lugar. Com os mesmos brinquedos. Até a casinha de bonecas. Agora, quem brinca no parquinho é a filha dele, Camila, de 6 anos.

Hoje, naquele lugar pintado de azul e amarelo, onde o pai brincou e a filha desliza no escorregador, serão comemorados 40 anos de história. Tombado pelo Patrimônio Histórico, o Jardim de Infância 21 de Abril consegue ser mais velho do que a própria cidade. Foi inaugurado em setembro de 1959. As atividades, entretanto, só começaram mesmo em fevereiro do ano seguinte.

Hoje à tarde, a partir das 14h, haverá grande festa na escola pública da 707/708 Sul, que tem 240 alunos. Vai haver banda tocando. Bolo, refrigerante. Histórias serão lembradas. Vai ter emoção. Pais (alguns ex-alunos), alunos (filhos de ex-alunos), professores. Todos estarão lá.

Acácio Pinheiro



Pais e filhos posam para foto histórica: inaugurado antes de Brasília, o Jardim de Infância da 707/708 Sul comemora 40 anos hoje

Há uma semana, a escola se prepara para a festa. A direção foi atrás dos antigos alunos. Professoras contaram a importância daquela escola para as crianças. E todos partiram para a arrumação final. Na verdade, há dois meses, a diretora Suelma Rosa Pereira Gonçalves, de 42 anos, resolveu ir à luta.

O Jardim de Infância precisava de reforma. O parquinho, com

brinquedos enferrujados, estava interditado. Na casinha de boneca não havia boneca. A porta nem abria mais. O auditório, desativado, mais parecia um lugar assombrado. O mato crescia.

A escola estava realmente maltratada. Quase abandonada. Muitos pais tiraram os filhos de lá. Suelma, que assumira a direção há dois meses, pediu ajuda aos comerciantes da re-

dondeza. Ouviu alguns não, mas não desistiu.

Procurou a Associação de Pais e Mestres (APM). Ajudada pelo porteiro Sebastião, fez massa, capinou, pintou. Juntou calos na mão. O Jardim de Infância renasceu. Ganharam todos. “As crianças mereciam uma escola melhor. Esse lugar tem uma história”, diz a diretora.

Funcionária do Banco do Bra-

sil, Cláudia Cardoso Von Sperling, de 35 anos, que estudou no Jardim no início da década de 70, hoje tem dois filhos matriculados ali. “Eu era meio estrábica e usava um tampão no olho. Um dia, no recreio, estava correndo e bati a cabeça na porta. Levei ponto”, lembra ela, hoje nada estrábica. “Eu poderia ter colocado meus filhos em outra escola, mas pela ligação afetiva, re-

solvi deixá-los aqui”, continua.

É essa ligação afetiva que faz com que os pais lutem pela escola e estejam sempre reunidos. Ontem pela manhã, enquanto se ajustavam os últimos preparativos para a festa de hoje, reminiscências e boas risadas não faltaram.

Agente de Polícia Civil, Pedro Paulo Costa Oliveira, de 35 anos, lembra-se de uma dia que nem ele — tampouco a professora esquecerão. “Eu tinha quatro anos. Tava com uma dor de barriga danada. A professora não deixou eu sair da sala quando pedi. No recreio, corri pro banheiro, mas não deu mais tempo. Depois, vim com a cuequinha suja pra ela.” O filho de Pedro Paulo, Pedro Paulo Filho, de 3 anos e meio, estuda no Jardim. O menino ainda não repetiu a proeza do pai. Mas como dizem por aí que “tal pai, tal filho...” Coitada da professora.

Mesmo aqueles que não têm filhos na escola, sempre voltam ao lugar. É o caso do analista de sistema Nelson Maciel Torres, de 40 anos, dois filhos, de 19 e 17 anos. Nelson estudou lá de 1964 a 1966. “Nos finais de semana, eu e meus amigos da quadra pulávamos a cerca do Jardim pra jogar futebol. Era uma aventura...”

Camila, a filha do menino chorão que tinha medo dos tanques do Exército, só quer brincar no parquinho. O mesmo onde o pai brincou. São de histórias assim — de gente que conta histórias — que é feita a história de uma cidade.

Parabéns, Jardim de Infância 21 de Abril!